

ANÁLISE DE ALGUMAS CONSEQÜÊNCIAS POSSÍVEIS DE UMA DEFINIÇÃO: O LÓGICO MEDIEVAL PEDRO ABELARDO E SUA DEFINIÇÃO DE PECADO*

*Marcio Chaves-Tannús***

Resumo: A definição de pecado de Abelardo é geralmente interpretada de forma grosseiramente errônea devido à não consideração de detalhes técnicos relevantes do ponto de vista lógico. Uma leitura que leve em consideração fatores temporais e modais, por exemplo, chegará inevitavelmente a resultados diversos daqueles divulgados até o momento pela recepção crítica.

1. Sobre o autor

Mais conhecido do público não especializado por sua ligação amorosa com Heloísa que se tomou e permanece célebre, Abelardo foi, ainda, compositor, filósofo, teólogo e seguramente o lógico mais importante do século XII. Ele nasceu no território da França atual, na Bretanha, em Le Pallet, próximo a Nantes, em 1079.

Abelardo destacou-se nas diversas funções que exerceu. Como teólogo, é considerado precursor da grande tradição escolástica dos séculos subseqüentes, como o primeiro a imprimir na teologia alguns dos traços que a caracterizam a partir do século XIII. É sobretudo como filósofo, contudo, mais particularmente como lógico que Abelardo se tomou conhecido do público acadêmico especializado.

Aluno inicialmente de Roscelin em Loches e posteriormente de Guillaume de Champeaux em Paris, a base de sua formação escolar foi o estudo da gramática, da retórica e da dialética, o chamado "Trivium". É apenas

* Comunicação apresentada no "2º Encontro de Filosofia Analítica", promovido pela Sociedade Brasileira de Análise Filosófica, Fazenda-Hotel Fonte Sonia, Valinhos - SP., 4 a 7 de outubro de 1993.

** Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia.

após o início da vida monástica de seus pais em 1113, e já famoso como professor de Lógica, que Abelardo inicia em Laon, sob a orientação de Anselmo, seus estudos de teologia. Suas futuras obras teológicas lhe custaram duas condenações. A primeira, em Soissons em 1121, onde a primeira versão de sua teologia foi condenada ao fogo e Abelardo preso temporariamente em St. Médard. A segunda, em Sens em 1140, dois anos antes de sua morte.

O período compreendido entre os anos de 1114 e 1117 é dominado por uma série dramática de acontecimentos: sua ligação com Heloísa, o nascimento do filho comum, o casamento secreto, a subsequente castração a mando de Fulbert, tio de Heloísa, e, finalmente, a entrada de ambos para a vida religiosa. Ela em Argenteuil, ele em St. Denis.

A atividade docente de Abelardo, repetidas vezes interrompida, só cessará definitivamente nos últimos anos, após sua segunda condenação. Também o contato com Heloísa foi retomado, por iniciativa dela, e fraternalmente mantido até o fim. Em seus dois últimos anos Abelardo vive sob a proteção então necessária de Pedro, o Venerável, abade de Cluny.

2. Sobre a definição de pecado de Pedro Abelardo

A definição de pecado com a qual se ocupará esta comunicação se encontra no início do terceiro capítulo da "Ética" de Abelardo¹. Não é meu objetivo aqui verificar se houve uma evolução e, em caso afirmativo, qual o tipo exato de mudança ocorre na posição do autor na passagem de uma obra para outra. Embora não seja possível estabelecer de forma suficientemente segura que a definição encontrada na "Ética" corresponda à última das concepções do autor a respeito, tanto quanto nossos conhecimentos atuais nos permitem avaliar, é certo que ela é a mais elaborada e completa definição de pecado que Abelardo nos legou².

Quanto à pergunta, provavelmente inevitável, relativa à procedência de se examinar, na última década do século XX, uma definição de pecado elaborada

1. Abelardo (76): p. 128 ou Abelardo (71): p. 4.

2. Cf. Blomme (57): pp. 319-20.

por um filósofo do século XII, espero, até o fim deste comunicado, ter já encaminhado e sugerido os contornos e uma das direções possíveis de uma resposta satisfatória, de tal modo que aqueles que se sentiram eventualmente atraídos pelo exótico do tema não concluam a leitura ou a audição necessariamente desapontados.

Segundo Abelardo, no trecho da "Ética" a que me referi acima, pecado seria o consentimento a ações e omissões em direção às quais nossos vícios nos inclinam. O princípio técnico utilizado por Abelardo nessa definição é simples, mas, a julgar pelos fatos, não necessariamente evidente. Primeiro, ele recorre a dois e apenas dois conceitos já anteriormente conhecidos: o conceito de "más obras", que são ações e omissões a que nos conduzem nossos vícios e o conceito de "vício", que são nossas tendências, adquiridas ou inatas, às ações e omissões que denominamos más. Isso feito, ele introduz entre os dois conceitos anteriores, forjando uma seqüência cronológica bem determinada, um conceito novo, até então não mencionado: o "consentimento" às más obras, que seria o pecado. De acordo com essa definição, portanto, cometeremos pecado no momento em que, depois de impulsionados por nossas tendências viciosas, emprestamos nosso consentimento às eventuais obras subseqüentes que venhamos a executar inclinados por nossos vícios.

É possível, então, afirmar que para Abelardo o pecado se localiza em uma decisão individual e interior e é o elo que liga o vício, que gera uma necessidade, à execução da obra destinada a satisfazê-la. Ele é um dos membros de uma cadeia de três elementos e, enquanto tal, dependente e diverso dos outros dois.

Ele é dependente porque tanto na ausência de vícios, como na impossibilidade hipotética da existência de atos pecaminosos, não poderia haver pecado, pois não há, nessas circunstâncias, consentimento possível, nem às más obras, nem às inclinações que nos conduziriam a elas. Tal ocorre porque não haveriam vícios, nem haveria a possibilidade de existência de obras pecaminosas. Podemos, portanto, concluir que não há pecado sem vícios e nem pode havê-lo sem a possibilidade de existência de obras pecaminosas.

Ele é diverso por duas razões. Primeiro, tanto porque o vício é anterior ao pecado e gera a oportunidade de pecar, não podendo, por esse motivo, ser confundido com ele, como porque o pecado, sendo anterior ao ato pecaminoso,

pode ocorrer sem que na seqüência necessariamente ocorra a ação a que damos nosso consentimento. Segundo, porque tanto os vícios, que se manifestam no comportamento, como as obras, ambos são passíveis de identificação e avaliação intersubjetivas, enquanto o pecado, como decisão interna e subjetiva, permanece fora do alcance, inacessível à identificação e avaliação do outro. Para Abelardo a instância avaliadora é DEUS e o pecado ocupa um espaço de convivência onde o elemento divino se manifesta no universo secular dos homens.

Concluindo, gostaria de acrescentar que tanto a consideração do aspecto cronológico, como da presença de categorias modais, tais como a possibilidade e sua negação, contribuíram para revelar pelo menos dois fatos novos e decisivos para a interpretação da obra moral de Abelardo. O primeiro diz respeito à relevância moral das obras, até então negada com quase unanimidade pela recepção crítica. O segundo, à possibilidade da presença não excludente do sagrado no interior da história profana dos homens. Ambos contribuem para a derrocada das tentativas de impor à ética de Abelardo um caráter intimista e alheio ao mundo da história e da política humanas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABELARD, P. (71): *Ethics*, Oxford University Press, 1971. (By D. E. Luscombe).

ABELARDO, P. (76): *Conosci te stesso o etica*, La Nuova Italia, Firenze, 1976. (A cura di M. Dal Pra).

BLOMME, R. (57): A Propos de la définition du péché chez Pierre Abélard, *Ephemerides Theologicae Lovanienses*, XXXIII, 1957, pp. 319-47.